

**“A CIDADE, QUE ERA MENINA, AGORA SE FAZ MOÇA”:  
O ENTRECruzAMENTO DAS QUESTÕES DE GÊNERO E URBA-  
NIZAÇÃO NO IMAGINÁRIO SOBRE SANTA FÉ**  
**“LA CIUDAD, QUE ERA NIÑA, AHORA SE HACE MOZA”:  
EL ENTRECruzAMIENTO DE LAS CUESTIONES DE GÊNERO Y  
URBANIZACIÓN EN EL IMAGINARIO SOBRE SANTA FÉ**

Rafael Eisinger Guimarães<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma análise do entrecruzamento que se estabelece entre as relações de gênero e o desenvolvimento urbano de Santa Fé, cidade da obra *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. De forma específica, pretende-se verificar a construção do imaginário sobre Santa Fé a partir de três personagens masculinos – Capitão Rodrigo Cambará, Licurgo Cambará e Dr. Rodrigo Terra Cambará – buscando-se observar as relações que algumas questões de gênero – tais como o jogo de poder e submissão entre homens e mulheres, a delimitação de ambientes e espaços simbólicos masculinos e femininos e os relacionamentos entre maridos, esposas e amásias – estabelecem com a delimitação do espaço urbano e rural feita pelos referidos personagens em momentos específicos da evolução histórica de Santa Fé.

**PALAVRAS-CHAVE:** *O tempo e o vento*. Representação do campo e da cidade. Crítica feminista.

## Introdução

Dentre as inúmeras leituras críticas já realizadas a respeito da obra *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, uma das mais corriqueiras é a que toma a trilogia como um romance histórico cujo pano de fundo é o processo de formação político-social do Rio Grande do Sul. Dentro dessa perspectiva, a cidade de Santa Fé é, em larga medida, apresentada como um microcosmo do estado sulino. As lutas políticas, os elementos culturais e, em especial, as relações que se estabelecem entre as esferas rural e urbana na cidade habitada pelos personagens de Erico assumem o caráter de representação do processo mais amplo de desenvolvimento histórico do Estado.

Paralelamente a esse aspecto, outra questão ganha importância na fortuna crítica não apenas dos três títulos da saga, mas da obra completa de Erico. Trata-se da elaboração das personagens femininas e da relevância que estas assumem nas tramas do escritor, uma relevância que pode ser resumida nas seguintes palavras de Flávio Loureiro Chaves:

---

<sup>1</sup> Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLET – UFRGS). Professor do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena – Juína/MT. E-mail para contato: emaildorafa75@hotmail.com.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 141-159, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

É nas mulheres, sempre moralmente mais fortes do que seus homens, que se estabelece o sustentáculo do mundo que ameaça desabar. Os homens são personagens do presente, como Vasco e o Capitão Rodrigo de *O continente*, heróis e guerreiros; as mulheres são força de preservação, cabe a elas assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro (CHAVES, 1972, p. 77).

Tendo em vista esses dois aspectos – por um lado, a visão de Santa Fé como representação dos aspectos políticos, sociais e culturais em jogo no processo histórico de formação do Rio Grande do Sul e, por outro, a relevância das personagens femininas na trama de *O tempo e o vento* – este artigo propõe uma análise do entrecruzamento que se estabelece entre o desenvolvimento da cidade criada por Erico e as relações de gênero, verificando como o imaginário dos santa-fezenses sobre sua própria cidade estabelece a relação entre o rural e o urbano a partir da metáfora entre o feminino e masculino.

Diante da amplitude da trilogia escrita por Erico, o presente trabalho irá restringir-se aos episódios “Um certo capitão Rodrigo”, “A guerra” e “Ismália Caré”, de *O continente*, e “Chantecler”, de *O retrato*. Mais do que um recorte aleatório no *corpus*, a escolha de tais episódios atende a um interesse específico na investigação do imaginário sobre Santa Fé construído por três personagens masculinos: Capitão Rodrigo Cambará, Licurgo Cambará e Dr. Rodrigo Terra Cambará. A partir desse recorte, o que se buscará é observar os entrecruzamentos que algumas questões de gênero – tais como as relações de poder e submissão entre homens e mulheres, a delimitação de ambientes e espaços simbólicos masculinos e femininos e os relacionamentos entre maridos, esposas e amásias – estabelecem com a delimitação do espaço urbano e rural feita pelos referidos personagens em momentos específicos da evolução histórica de Santa Fé: respectivamente a elevação do povoado à categoria de vila, a elevação da vila à categoria da cidade e o início do processo de modernização da cidade.

## **1 O gênero, o campo e a cidade como parâmetros de valor**

Ao longo do seu processo de constituição como campo de estudos, as teorias feministas têm, como bem assinala Elaine Showalter (1994, p. 26-29), seguido dois caminhos metodológicos distintos: o de uma crítica feminista revisionista, que propõe novas leituras e novos questionamentos aos textos de autoria masculina, e o da chamada ginocrítica, que analisa a literatura de autoria feminina e suas condições de produção. Não obstante seu recente interesse no segundo caminho – o qual, na visão de Showalter, configura um campo mais profícuo –, a crítica feminista dita revisionista ainda contribui de maneira bastante relevante para uma leitura da representação do feminino e das relações de gênero em textos de autoria masculina.

Dentre essas contribuições metodológicas está a concepção dos antropólogos Shirley e Edwin Ardener, referidos pela própria Showalter (Ibid., p. 48), do masculino e do feminino como esferas culturais distintas que apresentam um reduzido espaço em intersecção e uma ampla área não compartilhada. Tal concepção torna possível a categorização de determinados procedimentos como sendo “masculinos” em oposição a outros, tidos como “femininos”. Assim, certos espaços, como a casa, e certas experiências, como a vida doméstica e as relações afetivas, apresentam uma forte vinculação com o feminino. Porém, longe de ser um fato natural ou algo ligado a essência do sexo, a distinção entre atitudes, experiências e espaços simbólicos “masculinos” e “femininos” é um processo culturalmente construído ao longo da história. Um processo que, como bem lembra a escritora chilena Lucía Guerra-Cunningham, remonta aos textos fundadores da cultura ocidental.

En la Biblia y los escritos de San Pablo, textos fundacionales de la cultura occidental, la mujer es postulada como el suplemento del hombre. Costilla de Adán que por su inferioridad debe obediencia al marido; y el hombre, en una jerarquía lineal, se supone que ocupa un lugar similar al de dios. En su Epístola a los Efesios, san Pablo afirma: “las casadas estén sujetas a sus maridos como al Señor, porque el marido es cabeza de la mujer, como Cristo es cabeza de la Iglesia... Y como la Iglesia está sujeta a Cristo, así las mujeres a sus maridos en todo” (5: 22; 24–5). (...) Lo que nos interesa aquí destacar son las tácticas del eufemismo que ocultaron y embellecieron la situación subordinada de la mujer.

Dentro de este contexto *enmascarador*, basta recordar que el inmenso imaginario de lo prescriptivo femenino está anclado en la figura sagrada de la virgen María y el *ángel del hogar*, mujer que abnegadamente cuida de los hijos y hace de la casa el espacio de la armonía y la felicidad para el hombre, quien allí encuentra el descanso para sus difíciles faenas y empresas en el mundo del afuera (GUERRA-CUNNINGHAM, 2007, p. 10-11).

Como é possível notar a partir das palavras de Lucía Guerra-Cunningham, o confinamento da mulher ao espaço privado oculta, sob a máscara pretensamente positiva do papel de mãe e de esposa, uma subordinação e uma subvalorização do feminino em relação ao masculino. A atribuição de valores que pode ser lida na observação da crítica chilena – positivo para o masculino e negativo para o feminino – filia-se à oposição binária estabelecida na década de 1970 pela teórica francesa Hélène Cixous, na qual conceitos como “atividade”, “cultura”, “pai”, “cabeça” e “inteligência” relacionam-se ao “masculino”, ao passo que as ideias de “passividade”, “natureza”, “mãe”, “coração” e “sensibilidade” dizem respeito ao “feminino”. Ao retomar as dicotomias de Cixous, Toril Moi assinala o fato de que essa relação de termos pressupõe sempre a supremacia do conceito atrelado ao masculino em detrimento daquele atrelado ao feminino, destacando que o projeto ideológico do pensamento de Cixous “se puede resumir como un intento de deshacer esta ideología logocéntrica: proclamar a la mujer como fuente de vida, poder y energía” (MOI, 1995, p 115).

Se, por um lado, a questão de gênero pode ser vista como um campo de batalha, no qual, historicamente, o elemento masculino, tido como positivo, sobrepõe-se e silencia o feminino, tido como negativo, as relações entre as esferas do rural e do urbano, por sua vez, não se estabelecem de forma muito distinta. Nesse sentido, a exemplo do que ocorre com os espaços simbólicos delimitados como “do homem” e “da mulher”, os elementos relacionados ao campo e à cidade também apresentam valores positivos ou negativos, histórica e culturalmente atribuídos, conforme pode ser depreendido das palavras de Raymond Willians.

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância limitação (WILLIANS, 1989, p. 11).

Levando-se em consideração as constatações da crítica feminista de que, historicamente, determinam-se alguns lugares como sendo “de mulheres” em oposição àqueles que são “de homens”, parece lícito supor que, no rol desses elementos “femininos” e “masculinos”, possam figurar as esferas do “rural” e do “urbano”, ainda mais se, ao se estabelecerem essas relações, reforçarem-se os valores positivo ou negativo pretensamente atribuídos a cada uma dessas esferas.

## **2 As relações de gênero e o imaginário sobre Santa Fé**

Elementos participantes da dinâmica evolutiva da cidade, os personagens de *O tempo e o vento* constroem e externam impressões e sentimentos em relação à Santa Fé, os quais evoluem paralelamente ao desenvolvimento urbano propriamente dito, configurando um imaginário sobre a cidade que é sustentado, em grande medida, por uma oposição entre os pólos “rural” e “urbano”. A imagem que os santa-fezenses elaboram a respeito do espaço em que vivem ao longo do processo de modernização urbana não apenas transita entre esses dois extremos, ora afastando-se, ora aproximando-se de um e de outro, como também relaciona as ideias de “rural” e “urbano” às esferas do “masculino” e do “feminino”, como forma de agregar valores positivos ou negativos a cada um desses espaços simbólicos. Tal operação simbólica é anterior mesmo à constituição de Santa Fé como cenário da narrativa de Erico Verissimo, podendo ser observada nas concepções que Ana Terra, sua mãe, D. Henriqueta e seu pai, Maneco têm dos espaços rural e urbano.

Ana Terra descia a coxilha no alto da qual ficava o rancho da estância, e dirigia-se para a sanga, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja, e pensando no que a mãe sempre lhe dizia: “Quem carrega peso na cabeça fica papuda.” Ela não queria ficar papuda. Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a Capitania de São Paulo, onde nascera. (*O continente I*, p. 73)<sup>2</sup>

D. Henriqueta sacudia a cabeça devagarinho. Aquilo não era vida! Viviam com o coração na mão. Os homens do Continente não faziam outra coisa senão lidar com o perigo. Tinha saudade de Sorocaba, de sua casa, de seu povo. Lá pelo menos não vivia com o pavor na alma. Às vezes temia ficar louca, quando o filho ia com a carreta para Rio Pardo, o marido saía a camperear com o Horácio e ela ficava ali no rancho sozinha horas e horas com a filha. Ouvia contar histórias horríveis de mulheres que tinham sido roubadas e levadas como escravas pelos índios coroados, que acabavam obrigando-as a se casarem com algum membro da tribo. Contavam-se também casos tenebrosos de moças que eram violentadas por bandoleiros. Seria mil vezes preferível viver como pobre em qualquer canto de São Paulo a ter uma estância, gado e lavoura ali naquele fundão do Rio Grande de São Pedro.

[...]

Naquela casa nunca entrava nenhuma alegria, nunca se ouvia uma música, e ninguém pensava em divertimento. Era só trabalhar o quanto dava o dia. E a noite - dizia Maneco - tinha sido feita para dormir. Que ia ser de Ana, uma moça, metida naquele cafundó? Como é que ia arranjar marido? Nem ao Rio Pardo o Maneco consentia que ela fosse. Dizia que mulher era para ficar em casa, pois moça solta dá o que falar (*O continente I*, p. 78-79)

Antônio descreveu para Ana o baile a que assistira no Rio Pardo. Falou com especial entusiasmo nos seus esplêndidos violeiros e gaiteiros, e nos bailarias que dançavam a chimarrita e a tirana que era uma beleza!

- Vi lindas moças - acrescentou, levando à boca com ambas as mãos uma costela de vaca e arrancando-lhe com os dentes a carne junto com a pelanca. - Por sinal fiquei até gostando duma delas. Chama-se Eulália. Dançamos toda a noite de par efetivo.

Maneco Terra espetou no garfo um pedaço de carne, e antes de levá-lo à boca repetiu um ditado que aprendera nos campos da Vacaria:

- Pra essas éguas de cidade não há cabresto nem palanque.

Não queria que os filhos casassem com moça da vila, dessas que não gostam de campo e só pensam em festas, roupas e enfeites.

[...]

- Mas numa cidade ao menos a gente está maio seguro, Maneco - disse D. Henriqueta, que se levantara para ir buscar a caixeta de pessegada.

- Fresca segurança! - exclamou o marido. E enumerou casos que sabia: crimes e banditismos ocorridos no Rio Pardo, na Capela do Viamão e Porto Alegre.

- Lá a gente recebe cartas - arriscou Ana, que sempre achara bonito uma pessoa receber uma carta.

- Passo muito bem sem essas cousas - retrucou-lhe o pai. - Carta não engorda ninguém (*O continente I*, p. 93-94).

Como se pode observar a partir das visões de Ana, D. Henriqueta e Maneco Terra, a cidade é tida como o espaço do conforto e da alegria, ao passo que o campo apresenta-se como o lugar do isolamento e do trabalho. Em decorrência dessas concepções, elabora-se um imaginário da cidade como um “lugar de mulher”, um espaço com o qual Ana e D. Henriqueta identificam-se e do qual Maneco tem aversão. Por sua vez, o campo apresenta-se como um

---

<sup>2</sup> As citações do romance de Erico Verissimo estão identificadas apenas com o título da obra, o tomo e a página. As referências completas do *corpus* analisado encontram-se na listagem ao final do artigo.

“lugar de homem”, o universo de Maneco Terra, com o qual sua filha e esposa não se identificam.

Décadas depois, já no povoado de Santa Fé, Pedro Terra reproduz as ideias de sua mãe e de seu avô, ao conceber a cidade como o local da segurança e do conforto e, nesse sentido, um espaço “feminino” e não “masculino”.

Além do mais, Pedro vivia com um temor negro no coração. Sabia de casos horríveis povoados atacados pelos índios que saqueavam as casas, matavam os homens e violentavam ou raptavam as mulheres. Por isso às vezes lhe passava pela cabeça a idéia de que o melhor mesmo seria casar a filha com um homem decente que a pudesse levar para Viamão, Porto Alegre ou qualquer um daqueles lugares que estavam menos sujeitos aos ataques dos selvagens. Havia ainda e sempre o perigo das guerras: e os castelhanos não estavam muito longe de Santa Fé. Ele tinha uma experiência amarga. Mais cedo ou mais tarde haveria outra invasão e era um risco muito grande ter mulher moça em casa num lugar abandonado como aquele.

[...]

Diziam que no Rio de Janeiro a vida era diferente, mais fácil, mais agradável, mais confortável. (A ideia de conforto, entretanto, nunca fora muito do agrado de Pedro, que a associava vagamente a homens efeminados, que nunca pegaram no cabo duma enxada e usam água-de-cheiro) (*O continente I*, p. 192–193).

Pedro Terra não apenas relaciona a cidade ao feminino e o campo ao masculino, como também, em sua visão sobre Santa Fé, associa esta muito mais à esfera rural masculina do que ao universo urbano feminino. Nesse sentido, o pai de Bibiana vê nos espaços urbanos maiores, como Viamão e Porto Alegre, um lugar mais confortável e seguro para sua filha, um espaço onde ela possa ter uma vida mais estável e tranquila. Diferentemente de Pedro, o Capitão Rodrigo vê Santa Fé, e não centros urbanos mais desenvolvidos, como o espaço da estabilidade. O personagem apaixonou-se pelo povoado no momento em que chega, decidindo estabelecer-se de forma definitiva no local, custe o que custar.

O capitão tomou seu terceiro copo de cachaça. Juvenal, que o observava com olhos parados e inexpressivos, puxou dum pedaço de fumo em rama e duma pequena faca e ficou a fazer um cigarro.

– Pois le garanto que estou gostando deste lugar – disse Rodrigo. – Quando entrei em Santa Fé, pensei cá comigo: Capitão, pode ser que vosmecê só passe aqui uma noite, mas também pode ser que passe o resto da vida...

– E o resto da vida pode ser trinta anos, três meses ou três dias... – filosofou Juvenal, olhando os pedacinhos de fumo que se lhe acumulavam no côncavo da mão. E quando ergueu a cabeça para encarar o capitão, deu com aqueles olhos de ave de rapina.

– Ou três horas... – completou Rodrigo. – Mas por que é que o amigo diz isso?

– Porque vosmecê tem um jeito atrevido.

Sem se zangar, mas com firmeza, Rodrigo retrucou:

– Tenho e sustento o jeito.

– Por aqui hai também muito homem macho. (*O continente I*, p. 172)

– O que tenho feito aqui nesta terra, Juvenal, chega a ser uma desmoralização pra mim. Nunca me rebaixei tanto. Nunca fiquei onde não me queriam. Sou desses que quando querem as coisas fazem, sem pedir licença a quem quer que seja. Mas aqui

tenho baixado a cabeça. O mundo é muito grande e eu podia encontrar por aí miles de moças que quisessem casar comigo. Mas gostei da sua irmã e decidi que ela tem de ser minha mulher. E lhe digo mais. Hei de me casar com D. Bibiana custe o que custar.

Juvenal não perdeu a calma.

– Mesmo que ela não queira?

– Bom, isso é diferente... Se ela não me quiser, monto a cavalo e me vou embora. Com dor de coração, mas vou. Mas se ela quiser... (*O continente I*, p. 216–217).

A partir de uma leitura mais atenta dos diálogos entre Rodrigo Cambará e Juvenal Terra, é possível observar que a vida estável que Santa Fé representa para aquele está, por um lado, ligado ao amor que sente por Bibiana e à possibilidade de casamento com ela, e, por outro, a uma subjugação que assume ares de uma “desmoralização” para um macho livre como o Capitão. Para constituir família e integrar-se ao contexto social incipiente de Santa Fé, Rodrigo abre mão de uma série de valores caros a ele, contendo o atrevimento e a valentia que, de certa forma, o caracterizam como “macho”.

Parece estar claro que o pertencimento de Rodrigo Cambará à incipiente urbanidade de Santa Fé é determinado pelo sentimento que ele nutre em relação à Bibiana. É seu amor pela moça e o desejo irredutível de casar-se com ela que faz com que o Capitão “fixe suas raízes” na localidade. No entanto, é interessante notar que, ao constituir o seu lar, ao erguer a casa que será habitada por sua família, Rodrigo Cambará, não por acaso, levanta esta nos limites de Santa Fé, como se anunciasse, com sua localização, o futuro do desejo do personagem em fixar-se a um casamento e a uma vida na cidade. O fato de Rodrigo morar na entrada (ou na saída) de Santa Fé é bastante significativo, não apenas por possibilitar que ele fuja com facilidade do espaço urbano e corra livremente pelas coxilhas vizinhas, libertando-se da “prisão” que se tornou a vida no povoado, mas também porque é fora do povoado que Rodrigo trai Bibiana. Honorina, a amante do Capitão, mora com a avó em um rancho fora dos limites urbanos, “para as bandas do cemitério” (*O continente I*, p. 266). É também perto do cemitério que o marido de Bibiana realiza seu sonho de deitar com a imigrante alemã Helga Kunz.

Naquele mesmo instante, atrás do cemitério, Rodrigo contemplava o corpo nu de Helga Kunz. Tinham-se amado – fazia poucos minutos – com uma fúria que o vinho, que ambos haviam bebido na festa, contribuía para aumentar. Agora, de pé, o capitão olhava para a rapariga, que estava estendida sobre o capim. Como era branco aquele corpo! E como os beijos da “Filha do Serigote” tinham um gosto diferente dos de Honorina!

Rodrigo sentia-se tão feliz que tinha vontade de gritar. Helga não falava. Poucas palavras sabia de português. E quando a tivera nos braços, ela lhe dissera coisas em alemão – e essa língua estranha soara dum jeito que o deixara mais excitado. (*O continente I*, p. 280–281)

Ao conhecer Santa Fé e Bibiana, Rodrigo Cambará decide abandonar sua vida de soldado e andarengo, fixando-se no povoado e constituindo família. Porém, logo o capitão percebe que o espaço urbano, assim como a fidelidade matrimonial, vão de encontro aos valores e aos impulsos que o caracterizam como macho. O pequeno núcleo urbano não configura um espaço “masculino” para o Capitão Rodrigo, não obstante fosse esse seu desejo. Com alguns aspectos distintos, isso é também o que se passa com o imaginário de seu neto, Licurgo Cambará, a respeito da vila de Santa Fé. Após perder o pai ainda quando criança, Curgo passa a infância e a adolescência sendo objeto de uma disputa entre a avó, Bibiana, e a mãe, Luzia. De certa forma alheio à guerra que é travada no Sobrado de Santa Fé, o jovem Terra Cambará cresce e constitui sua identidade tendo como referência o espaço rural.

- Como vai o Licurgo? – perguntou Florêncio depois duma longa pausa.
  - Não viu ainda o menino?
  - Não. Ele e a tia Bibiana andam agora lá pelo Angico.
  - Licurgo está quase um homem.
  - Só no tamanho?
  - Não. Em tudo. Um homem segundo o conceito que vosmecês nesta província fazem de homem.
  - Sempre tive medo da criação desse menino. Por causa da mãe.
  - Não se impressione. Quem toma conta dele é a avó.
  - E a mãe?...
  - Sei lá!
  - E o Curgo gosta muito dela?
- Winter fez um gesto evasivo.
- É difícil dizer.
- [...]
- A verdade é que Licurgo está demasiadamente interessado na estância para se preocupar com outros assuntos. Luzia nunca vai ao Angico e o rapaz passa lá todo o verão e boa parte do outono em companhia da avó. Vem no inverno para estudar. É possível que nem tenha percebido nada. No fim de contas, a gente desta terra não é lá muito conversadora... (O continente II, p. 490–491)

Reiterando uma construção simbólica mais antiga que a própria Santa Fé, Licurgo aprende que o campo é o espaço do masculino, e faz-se homem a partir desse preceito. A estância é o espaço de Licurgo, e a figura de Fandango é o ponto de referência do jovem neste universo masculino. É com o capataz que ele aprende tudo o que precisa saber para tornar-se um estancieiro, um gaúcho, um homem.

Fora também com Fandango que Curgo aprendera a nadar, laçar, curar bicheira, e parar rodeio. Mas de todos os conhecimentos que o velho lhe transmitira os de que Licurgo mais se orgulhava eram os que se referiam aos cavalos. O rapaz os absorvera através de aulas práticas, durante viagens, rodeios e domas em que ele observava de perto as manhas e hábitos dos cavalos, as peculiaridades de cada raça e de cada pelo. Depois, nas conversas de galpão e nas horas de folga, Fandango lhe dava por assim dizer as aulas teóricas, em geral resumidas na forma de ditados que corriam de boca em boca por toda a Província, nascidos da experiência de gaúchos anônimos em dezenas de estâncias.

[...]

Aqueles homens do campo costumavam fazer comparações entre o cavalo e a mulher. Fandango aconselhava aos peões que casassem com moças conhecidas, se possível com meninas que eles tivessem visto crescer. E aplicava o ditado: “Cria perto de teu olhar a potranca pro teu andar” (*O continente II*, p. 499-500).

Se, de um lado, Licurgo tem no Angico e em Fandango os alicerces sobre os quais são edificadas a sua identidade e o seu imaginário, no extremo oposto, o jovem tem no Sobrado de Santa Fé e na figura de sua mãe dois elementos com os quais, por mais que tenha afeição, não consegue estabelecer uma identificação plena.

Luzia tocava uma barcarola e o rapaz escutava, olhando para os dedos que beliscavam as cordas do instrumento. Agora ele descobria por que era que apesar de gostar do Sobrado não se sentia bem no casarão. Era porque sua mãe dava àquelas grandes salas uma certa frieza de “casa de cerimônia”. Ela própria era quase uma estranha para ele. As coisas que lhe dizia o deixavam sempre desconcertado. (*O continente II*, p. 509–510)

– Prometes que não vais passar toda a tua vida aqui em Santa Fé nem no Angico? O corpo de Licurgo de repente enrijeceu. Ele ficou de músculos retesados numa atitude de defesa, como se de repente tivesse avistado um inimigo inesperado.

[...]

– Olha, meu amor, não quero que sejas como esses homens brutos que não sabem ler nem escrever, que vivem como animais, no meio de cavalos e bois. – Calou-se, como que afogada pelas próprias palavras. – Prometes?

Nenhuma resposta. Curgo adivinhava onde a mãe queria chegar e esperava com uma rigidez de corpo e de espírito.

[...]

– Um dia nós vamos embora daqui, Curgo. Tu e eu. Os dois juntos. Mãe e filho. Vamos de diligência, depois tomamos um trem e finalmente o vapor... Não tens vontade conhecer o mar, não tens?

Ele não respondia. Estava vendo as campinas do Angico, escutando a voz dum tropeiro que conhecia o mar e que lhe dissera “O mar é lindo, mas não troco estas coxilhas nem por tudo quanto é mar deste mundo.”

– Não tens? – repetia Luzia.

– Não.

[...]

Luzia afastou o filho de si com um repelão e perguntou, com uma ameaça na voz:

– Não tens?

– Não – repetiu o menino sem olhar para a mãe. Compreendia que o que ela queria mesmo era tirá-lo do Angico, da companhia da avó, do Fandango e dos peões. (*O continente II*, p. 513–514)

Se durante a infância e a adolescência o universo de Licurgo restringia-se à estância, muito em função da influência exercida pela avó e do apreço que sentia por Fandango, na idade adulta, após a morte de Luzia – cuja sensação de estranheza causada por esta o filho transferia para o Sobrado –, Licurgo assume como seu o casarão do núcleo urbano. Santa Fé, recém elevada à categoria de cidade, pode ser vista agora, a partir do imaginário construído por Curgo, como o espaço masculino, no qual questões políticas mesclam-se com preocupações de ordem amorosa.

Licurgo Cambará fora despertado pelo bater do sino, pulara da cama meio atordoado, viera até a janela e agora ali estava a olhar para fora com olhos embaciados de sono. Em pontos segundos sua confusão, que continha um vago elemento de pânico, foi dissipada pela própria voz do sino, que parecia anunciar: “Santa Fé já é cidade! Santa Fé já é cidade!” Licurgo sentia o soalho frio sob os pés descalços. (“Vá calçar as botinas, menino!” – gritou-lhe a avó em seus pensamentos). Passando a mão pelos cabelos revoltos e duros, ele olhou para os lampiões da praça, cujas chamas morriam e, erguendo os olhos, viu que começavam a apagar-se também as estrelas. Passara mal a noite, num sono de febre mais cansativo que uma vigília forçada. Andara dum lado para outro, ora a cavalo ora a pé, metido em roupagens vermelhas, com um turbante mouro na cabeça, distribuindo a torto e a direito títulos de manumissão e pontações de lança. De vez em quando acordava, agoniado, com a sensação de não ter dormido um só minuto, e ficava olhando a escuridão, escutando a quietude da casa, ouvindo o relógio grande lá em baixo bater os quartos de hora. E assim, pensando nas coisas que tinha a fazer no dia seguinte, caía de novo em modorra, e outra vez começava a lida, a angústia, a luta entre mouros e cristãos, que de repente se transformava na quadrilha dos lanceiros em que seu par era prima Alice, a qual não era bem prima Alice, mas um pouco Ismália Caré. Assim passara toda a noite, e agora ele sentia a cabeça oca como um porongo que o som do sino fazia vibrar.

Mas tudo estava bem: o dia em breve ia nascer, o grande dia! (*O continente II*, p. 565)

A. elevação da vila à cidade, a comemoração desse evento com a encenação de uma luta entre mouros e cristãos, o ato de assinatura dos títulos de alforria dos escravos do Angico, o casamento com a prima Alice, a paixão pela amante Ismália. O público e o privado confundem-se na mente de Curgo, em uma espécie de pesadelo febril que causa um desconforto físico e um cansaço no senhor do Sobrado. Em certo sentido, o ambiente urbano traz para Licurgo Cambará sentimentos muito próximos aos que o Capitão Rodrigo nutria em relação ao povoado. Tanto o neto quanto o avô, apesar de seus esforços para se sentirem integralmente pertencentes à urbe, não conseguem identificar-se plenamente com ela. A rotina e o regramento da vida social de Santa Fé, que sufocavam Rodrigo Cambará a ponto de fazê-lo correr pelo campo em uma simbólica busca por liberdade, agora atormentam Licurgo.

Se ele pudesse apagar Ismália com uma esponja... teria coragem para tanto? Não. Embora os outros pudessem considerar Ismália um borrão em sua vida, ele não deixava de sentir por ela o que sentia. Agora tudo desaparecia: a festa, o declamador, o poema, a abolição, a noiva, a avó, a república – tudo. O que ele sentia era um desejo urgente de ver a chinoca, de apalpá-la, abraçá-la, penetrá-la. Sua sensação de febre aumentava e ele sentia o pulsar surdo do próprio coração e começava a remexer-se na cadeira como se estivesse sobre um braseiro... Era sangue ou fogo o que lhe corria nas veias? Não era apenas a ferida da testa que latejava: seu corpo inteiro pulsava, quente, dum desejo que chegava a doer. Olhou em torno mais uma vez. Levantou-se devagar, procurando não fazer barulho. Sentiu que a noiva e a avó o observavam disfarçadamente. O próprio vigário voltou para ele uma cara interrogadora. Fossem todos pro inferno. Ele era dono daquela casa e era dono de sua vida. Pro inferno! [...]

Abriu caminho com gestos impacientes pelo meio da negrada que se aglomerava na cozinha, e chegou finalmente à porta dos fundos. Parou no portal e contemplou o quintal, que a grande fogueira iluminava. Os negros que dançavam ao redor do fogo – as caras reluzentes, transfiguradas por um êxtase de batoque, as

dentuças à mostra, olhos revirados, as narinas arregaçadas, as bocas retorcidas a babujar palavras duma língua bárbara – pareceram-lhe mais demônios que seres humanos. Teve ímpetos de gritar: “Chega! Vamos parar com esse barulho!”

Mas num segundo esqueceu os pretos, a fogueira, o batuque. Porque o que ele queria era Ismália. Onde estaria a china? Começou a procurá-la, aflito... Finalmente avistou-a – estava ela acatada sozinha debaixo duma bergamoteira, enrolada num poncho, a olhar fixamente para o fogo.

Desceu a escada quase a correr. (*O continente II*, p. 566–567)

Assim como Capitão Rodrigo, Licurgo tenta livrar-se das sensações de aprisionamento e de sufocamento causadas pelos elementos que constituem o universo urbano. Da mesma forma, ambos os personagens têm a figura da amante como válvula de escape dessa pressão social. Uma amante que, tanto no caso do avô como no do neto, pertencem ou estão atreladas ao espaço que é exterior, que está distante do núcleo urbano. Nesse sentido, em oposição à cidade, representada como o espaço atrelado às figuras da esposa e da família, o ambiente rural configura-se como o universo onde os Cambarás machos sentem-se bem. O campo e a estância são o espaço simbólico da liberdade, o espaço da não submissão à autoridade e às regras sociais e, principalmente, o espaço das amantes e das amásias. É fora dos limites de Santa Fé que Rodrigo se deita com Honorina, Helga Kunz e suas outras amantes, assim como é do Angico, da propriedade rural dos Terra Cambará, que vem Ismália, a amásia de Licurgo. Se Licurgo Terra Cambará, a exemplo da sua linhagem de antepassados iniciada com Maneco Terra, concebe a esfera urbana como algo que, na maioria das vezes, causa estranheza e incômodo, sendo um espaço do qual os homens buscam se afastar, o filho de Curgo, Dr. Rodrigo Terra Cambará, instaura uma ruptura nesse imaginário sobre Santa Fé. Formado em Medicina na capital da província, o jovem, diferentemente de seu pai, pouco interesse demonstra pelo Angico, direcionando para o espaço urbano todos os seus planos para o futuro.

Maneco Vieira começou a fazer perguntas sobre o Angico, a estância dos Cambarás. Rodrigo respondeu-as como pôde e deixou morrer a conversa. Queria agora ficar em silêncio e paz para pensar. Dentro de vinte minutos estaria em Santa Fé, e isso o deixava comovido. Daquela vez não se tratava de voltar apenas para as férias de verão: ficaria para sempre. Para sempre! E a idéia de que terminara o curso e ia começar a viver, mas por conta própria, com responsabilidade de médico e talvez muito breve (quem sabe?) de chefe de família – causava-lhe um alvoroço agradável. Tornou a recostar a cabeça no respaldo do banco e a fechar os olhos. O trem corria agora com maior velocidade; o vagão sacolejava e as rodas continuavam no seu matraquear duro e ritmado (*O retrato I*, p. 51).

Chegou a Santa Fé com uma euforia de turista, decidido a pôr em prática muitos de seus velhos projetos.

– Precisamos de luz elétrica urgentemente! – disse ao pai.

Licurgo, porém, sacudiu a cabeça, discordando.

– Acho que é muito cedo.

– Por que, papai? Podemos organizar uma companhia e vender ações a esses estancieiros. O dinheiro deles está criando bolor nos bancos e nas burras. A firma Bromberg & Cia. de Porto Alegre compromete-se a ficar com a metade das ações e a

mandar as máquinas, engenheiros e mecânicos competentes para fazer a instalação da usina (*O retrato II*, p. 392).

Após alguns meses do seu reestabelecimento em Santa Fé, Rodrigo Terra Cambará faz uma breve viagem a Porto Alegre, da qual volta repleto de ideias para modernizar e tornar mais confortável não apenas o Sobrado, mas toda sua cidade natal. No entanto, é interessante observar que, muito embora o casarão e a cidade configurem o universo do filho de Licurgo, esses espaços, em certa medida, continuam relacionados simbolicamente ao universo feminino.

Pôs-se a arranjar na sala de visitas e no escritório as rosas e os junquinhos que tia Vanja lhe mandara ao entardecer. Estava a contemplar, com a cabeça inclinada para um lado, o vaso que se achava sobre o consolo, quando Laurinda entrou e, lançando-lhe um olhar truculento, murmurou: “Maricão!” Rodrigo, que a enxergava pelo espelho, respondeu-lhe com um gesto obsceno, que pretendia ser uma afirmação de sua masculinidade. “Bandalho!” – exclamou a mulata, com fingida cólera. (*O retrato II*, p. 407)

Laurinda olhava com uma expressão de perplexidade para Rodrigo, que, parado junto da mesa da cozinha, barrava de caviar pequenos quadrados de pão que ele mesmo acabara de cortar com todo o cuidado.

– Parece mentira! – exclamou a mulata, olhando para Maria Valéria. – O Rodrigo virou mulher.

– Prove, titia!

– Não quero. Isso é capaz de me arruinar o estômago.

– Prova tu, então, Laurinda.

– Credo! Essa porqueira até parece chumbo miúdo.

A negra Paula, que estava acorçada no canto da cozinha, soltou a sua risada cava e rouca.

Rodrigo meteu o pedaço de pão na boca e por um instante ficou a mastigá-lo com delícia (*O retrato II*, p. 300).

Os traços de civilidade do Dr. Rodrigo assumem, aos olhos dos santa-fezenses, ares de feminilidade. Nesse sentido, é possível notar que o personagem acaba por afastar-se do universo masculino, não apenas por suas atitudes, interpretadas por Laurinda como “coisa de mulher”, mas também pelo desconforto que o jovem sente em relação à figura do pai.

Licurgo e Toríbio voltaram para o Angico, e Rodrigo ficou com a madrinha no Sobrado, o que lhe deu uma gostosa sensação de liberdade. Queria bem ao pai, respeitava-o, e era-lhe intimamente necessária a idéia de que ele o estimava e admirava. No entanto, quando o velho estava perto, não podia deixar de sentir uma impressão de mal-estar, por ver um implacável olho fiscalizador permanentemente focado em sua pessoa. Não havia criatura mais crítica de seus atos que Maria Valéria, mas Rodrigo tinha para com ela a liberdade de replicar. Além do mais, as repreensões da tia geralmente faziam-no rir. Com Licurgo, porém, era diferente (*O retrato II*, p. 297)

A postura e as ações do Dr. Rodrigo dão margem a comentários e brincadeiras maliciosas, fazendo com que o personagem tenha que constantemente provar aos outros a sua masculinidade.

Acompanhou o pai e o irmão nas lidas do campo, procurou provar que não era – como podiam os outros imaginar – um mocinho de cidade, um pelintra que não sabe andar a cavalo e é incapaz de manejar o laço. Por isso, na primeira oportunidade que se lhe apresentou, fez questão de laçar na presença dos companheiros. Teve sorte: pialou com maestria um terneiro. No primeiro rodeio que pararam foi o mais ativo do grupo, o que mais gritou, o que mais se agitou. Portou-se com tão espalhafatoso entusiasmo, que Bio em certo momento se acercou dele:  
– Calma, rapaz. Isto não vai a matar. (*O retrato I*, p. 186).

Dr. Rodrigo, em muitos aspectos, reitera o imaginário de seus ancestrais, que relaciona o campo à esfera do masculino e a cidade ao universo feminino, instaurando, porém, uma inversão nos valores desses termos: para o médico, o espaço urbano-feminino é tido como positivo e o rural-masculino, como negativo. É no Sobrado, longe do olhar fiscalizador do pai, que o jovem médico comporta-se como o cosmopolita que julga ser, buscando deixar o casarão o mais civilizado possível, pouco importando se essa civilidade pareça, aos olhos dos outros, “coisa de mulher”. No espaço rural, por sua vez, o personagem sente-se na obrigação de demonstrar sua masculinidade para o pai, o irmão e todos os peões da estância. No entanto, o esforço do personagem em comprovar que é tão “macho” quanto qualquer um dos homens do Angico é espalhafatoso e pouco convincente, o que, de certa forma, acaba contribuindo para marcar o não pertencimento de Rodrigo Terra Cambará ao ambiente rural-masculino.

Todavia, mesmo que as provas de masculinidade dadas pelo jovem médico no Angico tenham sido espalhafatosas e pouco convincentes, mesmo que o personagem sinta-se mais a vontade no ambiente urbano-feminino do Sobrado, longe da figura paterna, não é possível colocar em dúvida o fato de que Rodrigo Terra Cambará é, parafraseando a expressão de Carl Winter, um homem segundo o conceito que os habitantes da província fazem de homem. A exemplo de seu pai e, especialmente, de seu bisavô, Dr. Rodrigo não se contenta em possuir apenas uma mulher e acumula, talvez mais do que qualquer outro Cambará, um extenso rol de casos amorosos, anteriores e posteriores ao casamento. Abrandada sua paixão inicial pelo Angico e à medida que o tédio torna-se maior, o desejo pelo sexo oposto começa a ocupar mais e mais os pensamentos do Dr. Rodrigo. Imerso em um ambiente majoritariamente masculino, o jovem não leva muito tempo para começar a lembrar das antigas aventuras amorosas, a pensar intensamente na amada que ficara na cidade e, principalmente, a sentir necessidade de saciar o desejo que começa a ser insuportável.

O melhor mesmo era desistir. No entanto, se a Ondina quisesse, tudo seria tão simples... Havia mil lugares aonde poderiam ir sem que ninguém os visse: o bambual atrás da casa, o mato, o capão da sanga... Bio podia ajudá-lo. Mas ele não queria revelar ao irmão sua fraqueza. Era o diabo. Onde estavam seus propósitos de regeneração? Prometera a si mesmo e dera a entender aos outros que ia criar juízo. Positivamente, dormir com a Ondina seria uma indecência, uma insensatez. Depois, se descobrissem a coisa, que seria dele? Ficaria desmoralizado, perderia toda a autoridade. Era arriscar tudo para conseguir apenas um pouco. Um pouco? Quem sabe? Tornou a fechar os olhos e caiu num torpor do qual passou sem sentir para o sono profundo. (*O retrato I*, p. 191)

Naquela noite, Rodrigo não pôde dormir. Achava o quarto quente e abafado, sentia um peso no peito. Ficou por muito tempo a revolver-se na cama. Depois acendeu uma vela e olhou o relógio. Onze e vinte. Ergueu-se saiu a caminhar pela frente da casa, sob os cinamomos. Era uma noite clara, de lua minguante, e a solidão das campinas deu-lhe uma vaga, indefinível sensação de angústia. Pensou em Ondina, no mal que lhe fizera, e veio-lhe um agudo sentimento de remorso, esquisitamente temperado pela lembrança do prazer que a rapariga lhe proporcionara. (*O retrato I*, p. 196).

Se é bem verdade que Rodrigo Terra Cambará não se distancia do comportamento de seus antepassados no que se refere a sua relação com as mulheres, não se pode deixar de observar que, diferentemente destes, o médico arrepende-se de ceder à tentação carnal de levar a mestiça Ondina Caré para a cama. O personagem havia retornado para Santa Fé com propósitos bem definidos de não apenas modernizar o Sobrado e a cidade, mas também constituir família. No entanto, o desejo sexual – um sentimento que, em certa medida, pode ser aproximado do instinto, do comportamento selvagem não controlado pela civilização – acaba por desviar o personagem do seu nobre projeto de “regeneração”. O fato de manter relações sexuais com Ondina não é em si o problema para o Dr. Rodrigo, afinal, para seu “olhar avaliador de macho” (*O retrato I*, p. 190), a jovem Caré é apenas uma fêmea, uma mulher cuja fisionomia lembra as exóticas “anamitas e cingalesas que Rodrigo tantas vezes vira – com uma leve curiosidade sexual – nas fotografias da Indochina e do Sião reproduzidas em *L’Illustration*” (ibid.) ou “as minúsculas prostitutas de Cholon, das quais falava Claude Farrère em *Les Civilisés*” (ibid.). O que preocupa e incomoda o médico é o fato de que, cedendo aos encantos da jovem, ele estaria pondo em risco sua imagem de homem civilizado e manchando todo seu projeto de modernização e civilização. Assim, diante dessa figura feminina “perigosa” e “destruidora” da mestiça do Angico, a qual desperta em Rodrigo Terra Cambará um desejo sexual incontrolável e quase selvagem, o personagem vê uma única possibilidade de salvação para sua imagem e para seus projetos: voltar para o seu espaço.

Rodrigo ergueu-se tão bruscamente, que a cadeira tombou para trás.

– Papai, não sei que é que estou fazendo aqui parado no Angico comendo e dormindo desta larga. Tenho a impressão que desertei dum posto de combate. Pior que isso:

nem cheguei assumir esse posto. Quero que o senhor me dê licença pra voltar pra cidade o quanto antes.

Licurgo mirou-o por alguns instantes, através da espessa fuma do cigarro.

– O senhor tem a minha licença. Pode ir quando achar conveniente.

– Vou amanhã.

– Ué! Pra que tanta pressa? – estranhou Maria Valéria.

Fandango soltou a sua risadinha rouca:

– Ele vai salvar a República. (*O retrato I*, p. 205–206)

Rodrigo começou a andar pelo escritório, dum lado para outro, mascando um cigarro apagado. Dinda estava fechada no quarto. A criadagem, dormindo. Por onde andariam àquela hora os patifes do Chiru, do Neco e do espanhol? Teve ímpetos de gritar. A vida que levava era a mais estúpida que se podia imaginar. Para onde quer que se voltasse, só via homens: na farmácia, no Sobrado, no clube. Só machos, machos, machos! Precisava casar, ter mulher em casa, carinho, filhos, calor humano, aconchego... Detestava aquela solidão. *L'Illustration* lhe havia trazido imagens de Paris, ecos da vida da Cidade Luz. Damas em vestidos de noite, envoltas em peles, faiscentes de joias, perfumadas e belas, dentro de automóveis à saída de teatros; homens de casaca, chapéu alto, sobretudos de astracã... Canções no *Moulin Rouge*. Museus, livrarias, cafés. A boemia intelectual da *Rive Gauche*. Canções alegres, ditos espirituosos, gente civilizada e interessante. Vida, enfim! Que tinha ele ali em Santa Fé? A civilização da vaca, do sebo, do charque. A boçalidade, a banalidade, a rotina, a pobreza de espírito, o atraso dum século! Ou vou para Paris o ano que vem ou me caso. Ou faço as duas coisas. Ou meto uma bala nos miolos (*O retrato II*, p. 332–333).

Rodrigo Terra Cambará tem urgente necessidade de voltar para o espaço urbano, não apenas para retomar seu plano de “civilizar Santa Fé”, mas também para afastar-se do ambiente rural e da figura feminina de Ondina que o tenta e o desvia de seus grandes propósitos. Porém, o simples fato de retornar ao Sobrado não se mostra suficiente para aplacar a angústia do jovem doutor. Para ser vista como materialização do conceito de civilização que move os ideais do personagem, a esfera urbana, seguindo o imaginário dos Terra Cambará, não pode ser dissociada do matrimônio e da constituição de família. Para o Dr. Rodrigo, assim como para Licurgo, Capitão Rodrigo e todos os ascendentes da família, a cidade é o espaço da família e da esposa. O casamento, o carinho e o aconchego da família, vistos sob a ótica do Dr. Rodrigo como elementos indispensáveis à constituição da esfera urbana, reforçam a aproximação desta com a esfera do feminino. Porém, diferentemente do que ocorre com os demais Terra Cambará, a confluência do urbano com o feminino não faz com que Rodrigo deixe de se identificar com os espaços de Santa Fé e do Sobrado. A cidade e o casarão, tidos aqui como ambientes intimamente relacionados às figuras da esposa e da família, não se tornam, como já se observou, um elemento negativo, gerador de desconforto ou angústia para o personagem. Se, em certa medida, as relações que o imaginário de Rodrigo Terra Cambará estabelece entre as esferas do urbano e do feminino são diferentes daquelas construídas pelos seus antepassados, também é distinto o espaço ocupado pelas amantes do médico. Ao passo que os casos

amorosos do Capitão Rodrigo e de Licurgo estão localizados simbólica e espacialmente fora da cidade, os casos extraconjugais do Dr. Rodrigo têm a cidade como palco.

Enfiou o sobretudo e o chapéu e saiu. Parou na calçada, indeciso. Não seria melhor avisar Flora de que ia sair? Deu de ombros. Fechou a porta a chave e começou a andar, as mãos nos bolsos, o cigarro pendente dos lábios. Era uma noite clara, grilos trilavam estrelas luziam, cachorros latiam em ruas longínquas. Seus passos soavam solitários na calçada, levando-o para a Rua do Poncho Verde. Rodrigo deixava-se conduzir. Que adiantava pensar? O instinto sempre tinha razão, e o instinto o levava para Toni. O resto era covardia. Talvez fosse uma caminhada perdida, uma excursão platônica de namorado que se contenta apenas com ver a casa onde sua bem-amada está dormindo. Mas Toni não podia estar dormindo. Se estivesse, que se rasgassem então todos os tratados de psicologia e que ele, Rodrigo, atirasse aos cachorros sua experiência das mulheres. O mundo estava errado – concluiu, parado à esquina, a contemplar a meia-água dos Weber. Lá dentro daquela casinhola vivia uma mulher de vinte anos que o amava, e ali fora estava ele a arder de desejo por ela. Não havia na natureza nenhuma razão por que não se juntassem e amassem. No entanto, erguia-se entre ambos um muro, e um muro transparente, feito de convenções, mentiras, hipocrisias, fraquezas. Estava tudo errado, tragicamente errado – refletiu mordendo o cigarro e aproximando-se vagarosamente da casa. No fundo, a solução do problema era uma questão de coragem. E coragem era o que mão lhe faltava.

A janela do quarto de Toni dava para um terreno baldio. Rodrigo aproximou-se dela, pisando de leve, e ficou a escutar e a olhar para as vidraças. Não viu o menor sinal de luz: a casa estava silenciosa e às escuras. Chegou a levantar a mão para tamborilar nos vidros com a ponta dos dedos. Mas conteve-se. Seria uma temeridade: os outros podiam ouvir. Talvez Toni tivesse trocado de quarto... E mesmo que isso não houvesse acontecido, teria ela coragem de abrir a janela? Recostou-se na parede, e de repente o ridículo da situação caiu sobre ele, deixando-o com uma sensação de frio interior.

O melhor era voltar para casa – decidiu, contrariado. Mas naquele exato momento ouviu um ruído e seu coração disparou. Viu entreabrir-se a gelosia. Deu alguns passos e postou-se à frente da janela. Aos poucos a gelosia se foi abrindo e à luz do luar ele divisou o vulto de Toni por trás da vidraça. Por alguns segundos ambos ficaram imóveis, como que presos dum mesmo sortilégio. Depois Rodrigo acercou-se da janela e com sinais pediu à Fraulein que erguesse a vidraça. Ela, entretanto, continuava imóvel, com um ar de sonâmbula. Rodrigo encostou nos vidros as mãos espalmadas e tentou erguer a guilhotina. Toni procurou tê-lo com um gesto, mas, como ele insistisse, veio ajudá-lo. E tava ainda de braços erguidos, tratando de prender a guilhotina, já Rodrigo lhe enlaçava a cintura, beijava-lhe as faces, os olhos, procurava-lhe a boca. Os braços da moça desceram e envolveram lhe o pescoço, e de novo ele lhe sugou os lábios; cortando-lhe a respiração. Quando lhe deu um alento, ela murmurou: “Por amor de Deus, vá embora!” Rodrigo sentia-a toda trêmula – de medo, de frio, de amor? – e seus braços ora o repeliam ora o chamavam. “Por tudo quanto é sagrado neste mundo” – suplicava ela “vá embora!”

Como única resposta Rodrigo largou-a, firmou-se com ambas as mãos no peitoril e saltou para dentro (*O retrato II*, p. 547–548).

Diferentemente das “estrangeiras” Helga e Ismália – as quais, ou se constituem como amantes fora da cidade, ou são, elas, mesmas, provenientes da esfera não urbana – a jovem imigrante Toni Weber é uma figura que pertence ao espaço da cidade. Para chegar até sua amada, Rodrigo Terra Cambará perambula pelas ruas de Santa Fé, deixando seus pés o levarem pela urbe, enquanto seu pensamento também vagueia, ponderando sobre a sua paixão proibida. O fato de a casa dos Weber, o local onde Dr. Rodrigo “possui” Toni pela primeira

vez, estar no espaço urbano-familiar acarreta, como se observa, um conflito interior no personagem. A proximidade espacial entre a amante e a família gera uma problematização que não se verifica, com o mesmo grau de relevância, nas relações que o Capitão Rodrigo e Licurgo mantêm com suas amantes.

- Quando me contaram que ela tinha contratado casamento com... com esse colono, fiquei louco de ciúme e de despeito. Depois pensei: com que direito? Que é que eu posso oferecer pra essa moça?
- Claro. E esse casamento talvez resolva o problema.
- Isso é fácil de dizer, mas acontece que a história toda não me sai da cabeça. Não posso fazer mais nada. Se a coisa continua assim, a minha vida familiar, a minha tranquilidade, a minha clínica, e eu mesmo... vai tudo águas abaixo.
- Poupa a Flora, é o que te digo. Ela merece outra sina. E tens de pensar nos teus filhos, na tua madrinha e que diabo! também no velho. O resto não tem importância. O resto se arranja com o tempo.
- Não penses que não vejo que toda essa história é uma loucura – disse Rodrigo em voz alta – e que mais tarde ou mais cedo tenho de voltar à minha vida normal. Não quero perder o amor nem o respeito da Flora. [...]
- E agora essa gravidez agravou tudo. Já pensaste no que pode acontecer se os outros vierem a saber desse filho. Já pensaste no escândalo, no falatório, nas sujeiras? Pensas que acredito que essas pessoas que me cercam e adulam são meus amigos de verdade? Qual! A maioria não me perdoa por eu ter dinheiro, talento, boas roupas, prestígio, posição... Meus inimigos vão aproveitar a oportunidade pra me atirarem lama na cara. Não descansarão enquanto não me virem completamente derrotado (*O retrato II*, p. 577–579).

Como é possível observar a partir do diálogo entre Toríbio e Rodrigo Terra Cambará, a presença da amante no interior da urbe representa um risco para o médico, o risco de que a quebra do código social e familiar acabe manchando sua imagem de homem público. Tal situação gera um conflito pelo qual seus antepassados jamais haviam passado. Para Licurgo e para o Capitão Rodrigo os limites estavam bem definidos: o rural, tido como positivo, era, ao mesmo tempo, o universo com o qual se identificavam e o espaço das amantes, ao passo que o urbano era identificado com o universo feminino, o espaço da esposa e da família. Dr. Rodrigo subverte essa divisão e desloca para o urbano o espaço das amantes, arcando com as consequências de tal deslocamento.

### **Considerações finais**

Ao longo do processo de desenvolvimento urbano de Santa Fé, é possível observar a reprodução, por parte dos personagens, de um mesmo imaginário, que concebe o espaço urbano como um “lugar de mulher”, do conforto, da submissão e da família, e o espaço rural como um “lugar de homem”, do trabalho bruto, da liberdade e das amantes. O núcleo urbano é visto, em última instância, como o local para fixar raízes, para abrir mão da liberdade em nome de uma estabilidade. É essa a imagem que o Capitão Rodrigo constrói em relação a San-

ta Fé. Cativado pelo lugar e, principalmente, por Bibiana, o personagem deseja constituir família e desenvolver-se junto com o povoado. As regras sociais e o sedentarismo, no entanto, tornam-se insuportáveis para Rodrigo Cambará, que acaba encontrando fora da cidade, no espaço do campo e das amantes, a válvula de escape para as pressões desse ambiente com o qual não se identifica.

De forma semelhante, o imaginário de Licurgo Cambará delimita com bastante clareza os pertencimentos do homem à esfera rural e da mulher à esfera urbana. Criado no Angico, sob a tutela do capataz Fandango, Curgo tem a estância como o seu espaço, o ambiente que lhe é familiar, ao passo que o Sobrado representa o espaço feminino, em especial o universo da mãe, a estranha Luzia. Assim como para Rodrigo Cambará, a agora cidade de Santa Fé representa para Licurgo o espaço do regramento e da opressão, associado ao casamento com a prima Alice, de certa forma “arquitetado” pela avó Bibiana. Por sua vez, a estância, o universo masculino com o qual Licurgo se identifica, é o espaço de onde vem sua amante, Ismália Caré.

Estabelecida como cidade, Santa Fé inicia seu processo de modernização, processo esse que tem na figura do Dr. Rodrigo Terra Cambará seu maior entusiasta e incentivador. Os conceitos de civilização que orientam o jovem médico estabelecem uma ruptura no imaginário até então reiterado pelos Terra Cambará: a cidade, a esfera do feminino, passa a ser vista pelo personagem como o espaço que é seu. É no Sobrado, e não no Angico, é junto da dinda Maria Valéria e das criadas do casarão e longe do olhar fiscalizador de Licurgo onde Rodrigo Terra Cambará sente-se à vontade. Ao inverter os valores do rural-masculino e do urbano-feminino, estabelecendo a cidade como seu centro identitário, o médico acaba por instituir uma segunda ruptura, esta em relação à delimitação das fronteiras entre o universo da esposa e o das amásias. Santa Fé, e não mais o campo, é que passa a ser o palco das relações extra-conjugais, e tal apagamento dos limites entre as duas esferas instaura uma relação conflituosa. As relações proibidas não ocorrem mais fora da urbe, mas dentro dela, sob os olhares repressores da sociedade. A ameaça corruptora da família, materializada da figura da amante irresistível, não está mais no espaço exterior, está próxima do ambiente familiar, ameaçando a pretensa felicidade conjugal e a imagem pública de Rodrigo Terra Cambará.

Ao centrar-se na cidade e romper a relação dialética entre o urbano e o rural, o projeto modernizador do Dr. Rodrigo acaba por reunir, em um mesmo espaço, a relação socialmente proibida com as amásias e a relação socialmente aceita com a esposa. Antes localizados em esferas separadas, o condenável e o permitido passam a conviver lado a lado, em uma proximidade não isenta de conflitos.

Espaço que une permitido e proibido, regra e desvio. Palco das complexas relações sociais, do embate entre a dúvida e o arrependimento, entre a razão e o instinto, entre o feminino cindido – que é mãe e esposa e também é amante – e o masculino, agora também dividido entre o certo e o errado. Essa, por fim, parece ser a cidade que o médico constrói em seu imaginário. Essa parece ser a moderna Santa Fé, cujo nascimento é acompanhado de perto pelo Dr. Rodrigo Terra Cambará.

**RESUMEN:** Este artículo propone un análisis del entrecruzamiento establecido entre las relaciones de género y el desarrollo urbano de Santa Fé, la ciudad presentada en la obra *El Tiempo y el Viento*, de Erico Verissimo. De forma específica, intentase verificar la construcción del imaginario sobre Santa Fé a partir de tres personajes masculinos - Capitán Rodrigo Cambará, Licurgo Cambará e Dr. Rodrigo Terra Cambará - buscándose observar las relaciones que algunas cuestiones de género – como el juego de poder y sumisión entre los hombres y las mujeres, la demarcación de ambientes y espacios simbólicos masculinos y femeninos y las relaciones entre maridos, esposas e amasias – establecen con la delimitación del espacio urbano y del espacio rural, relaciones esas realizadas por los referidos personajes en momentos específicos de la evolución histórica de Santa Fé.

**PALABRAS CLAVE:** *El Tiempo y el Viento*. Representación del campo y de la ciudad. Crítica feminista.

## Referências

CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: \_\_\_\_ (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972, p. 71–85.

GUERRA-CUNNINGHAM, Lucía. *Mujer y escritura: fundamentos teóricos de la crítica feminista*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

MOI, Toril. *Teoría literaria feminista*. 2. ed. Trad. Amaia Bárcena. Madrid : Ediciones Cátedra, 1995.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23–57.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento I: O continente*. Primeiro tomo. 20. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento I: O continente*. Segundo tomo. 18. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento II: O retrato*. Primeiro tomo. 15. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento II: O retrato*. Segundo tomo. 14. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.